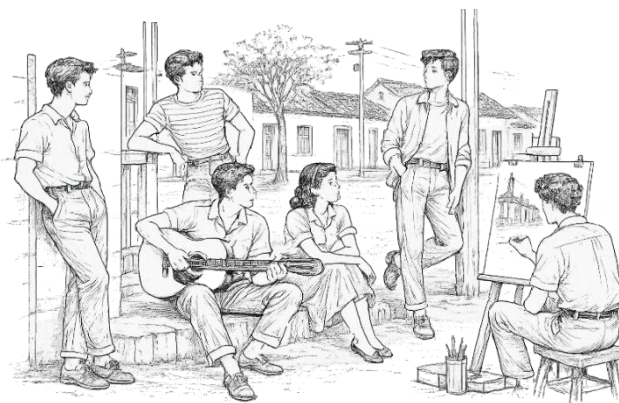


PERSONAGENS



Paulo Aurélio Vivan dos Santos

Vizinhos do Mocho

Simão Oxman

Mauro Ostronoff

Joel Moacyr Silva Guardiano



Paulão: meu personagem predileto

Joaquim Luiz Bessa Neto

Paulo Aurélio Vivan dos Santos, Paulo Boca, Paulinho Boca ou simplesmente Paulão.

Era assim que ele assinava suas crônicas e reportagens, escritas em folhas de caderno, logo de manhã, nas primeiras aulas da velha Quarta A de 56. Criava e descrevia situações com personagens da cidade ou da escola em situações hilárias. Às vezes, ele também se colocava nas cenas, fazendo piada consigo mesmo. Como personagem, adotava o nome de Paul Mouth.

Terminava a crônica, destacava a folha do caderno e passava para mim. Até hoje não sei por que eu. Eu lia e passava para o vizinho que passava para o vizinho. Enquanto o professor, na sua inocência, continuava a aula, a turma escondia o riso com as mãos no rosto. Eu deveria ter guardado as “reportagens”, mas nem lembrei. Apesar disso, sobreviveram algumas.

O Paulão foi o criador de frases como a “mil novecentos e antes” entre outras. Era o único que chamava o Carlos Ostronoff pelo nome completo: Agostinho Mocho, da revista Mindinho.





Deveria ter seguido uma carreira de comunicações, poderia ter sido um novo Estanislau Ponte Preta. Mas seu negócio era o esporte.

Preferiu fazer educação física. Chegou a ser técnico de uma das equipes menores de basquete do Corinthians, mas depois voltou para o interior.

Foi morar em Ilha Solteira, como professor de Educação Física. Tentou ser empreendedor. Comprou uma olaria, que não conseguiu pagar por causa do plano verão. Montou um camping e, na administração desse empreendimento, desentendeu-se com sua mulher. Separado, voltou para Ourinhos.

Esteve na Secretaria de Esporte da Prefeitura Municipal de Ourinhos. Era técnico do time de basquete da cidade. Discutia com todo mundo, brigava, ficava de mal. Era uma faceta da sua personalidade. Pouco depois, voltava às boas.

Diabético, relaxado com a saúde, teve um dedo do pé amputado. Acabou falecendo precocemente.

Errou na carreira: poderia mesmo ser um Estanislau. Hoje, recordo daquela turma de 56 como uma grande família, vejo os colegas como irmãos. Nos divertimos muito, mas também estudamos.

Era outro mundo que ficou para trás "em mil novecentos e antes".

Paulo Boca Vivan dos Santos. RIP.





Meus vizinhos, meus personagens

Carlos Ostronoff (Mocho)

Tive grandes e diversos vizinhos que eram parte do cotidiano, do folclore e dos falatórios da cidade.

Tinha, por exemplo, a família de Antônio Zaki, dono do Líder Hotel, que foi o rei Momo do carnaval por várias vezes. Tinha o Jorge do Bazar e o Bazar do Jorge. Tinha a família Cassetta, da alfaiataria, o Baiano da Bicicletaria, a família Capuano e, no quarto de hotel, acima de nossa casa, a família Ravicz.

Os hóspedes frequentes do Hotel, ao lado de casa, eram caixeiros viajantes. Um deles chamava a atenção: era assumidamente gay, coisa rara naquele tempo. Era o Geraldinho, representante das molas Sweden, que anunciava insistentemente: “as molas Sweden nunca cedem, mas eu cedo”.

O Baiano era um cara de grande visão comercial. Ocupava um espaço de 10 m², onde alugava e dava manutenção a bicicletas. Mas também importava bicicletas desmontadas em caixas, montava e vendia a preços imbatíveis, deixando o sanfoneiro Chiquinho Saladini, seu concorrente, desesperado.

Mais tarde, ele ampliou sua carteira, passando a vender eletrodomésticos. Um exemplo de empreendedor.





Trabalhei com ele, aos 10 anos, auferindo um volumoso estipêndio de um cruzeiro por mês.

Outra figura não muito gentil era o Homero Capuano. Uma das suas diversões era criar canários em gaiolas. Um bel giorno, quando foi alimentar as avezinhas, encontrou apenas penas (epal) na gaiola. Chegou às lágrimas. Como os quintais no entorno eram habitados por gatos, eles foram nomeados responsáveis.

Homero armou-se de um pesado porrete e saiu sacrificando os bichanos a pauladas. Homero, sendo uma figura vistosa, dotada de belos bíceps, fazia questão de colocá-los em evidência, deixando as moçoilas suspirando. Gostava de comparar sua musculatura com a dos menos favorecidos pela genética. Certa vez convidou o Joaquim Bessa para uma comparação, mostrando o bíceps: “compara Bessa, compara Bessa”.

E tinha a figura do Marcos Cassetta, filho do alfaiate vizinho. Um exibicionista, segundo o Joaquim, mas que não gostava de assim ser chamado. Chegou a ameaçar o coitado do Joax com a aplicação de um corretivo. Pertencia à tribo que, naquela época, andava com o colarinho da camisa levantado, alcunhada de “mascarados”. Era um bom jogador de futebol, tendo sido convocado para integrar a brava seleção de estudantes que, disputando um campeonato nacional, conseguiu o maior feito esportivo da história do município e arredores: ganhou a taça!





Contam que o nosso herói teve uma participação das mais brilhantes e foi eleito o melhor atleta do campeonato. Um lance raro serviu para essa honraria: na final do campeonato, a partida com placar desfavorável para nossas hostes, faltando dez minutos para o término, foi encarregado de cobrar um escanteio. Marcou um gol olímpico. Provocou a torcida contrária e levou uma vaia homérica, tão homérica quanto o bíceps do Capuano. Mas não se abalou: acenou para a torcida, pedindo calma como que prometendo: “você ainda vão ver”. No final da prorrogação, o jogo empatado, foi novamente cobrar um escanteio. Marcou outro gol olímpico. Teve que sair da arena escoltado.

A recepção aos heróis foi montada da maneira que os filmes de Fellini gostam de explorar: tudo muito exagerado e de mau gosto. Palanques, autoridades, militares, políticos, religiosos, pais, mães e pouca audiência. A prestigiada banda musical foi convocada para dar mais brilho ao evento. Entre os diversos oradores que usaram e abusaram da palavra, uma fala ficou na memória da galera: a do Vereador Pimentel. Sua monumental frase até hoje ecoa pelos cantos.

“As outoridades políticas e altas patentes militar homenageiam esta plêiade de atletas de nossa terra, colocando-nos no “Pantaleão do país, cuica do mundo”.

O Presidente da Câmara, redator do manifesto, chamou o Pimentel e disse ao pé do ouvido: “não é cuica, é quiçá! Não é Pantaleão, é Panteão”.





No final da festa, o repórter Norton Cunha, ZYS-7, foi entrevistar o Maestro Orlando Silva, regente da afinadíssima Banda Lira do Vale:

- Maestro, sabemos que a banda vai fazer uma excursão por diversas cidades da região. O senhor poderia informar qual o itinerário da banda?

- Pois não, vou repetir: o itinerário é calça azul e camisa branca.





Simão, o venturoso

Carlos Ostronoff (Mocho)

Fomos amigos sem muita chegada na fase ourinhense.

Viajamos no mesmo trem, na mudança para São Paulo. Morávamos no Bom Retiro, àquela época um gueto judaico. Ficamos sendo unha e carne. A gente se encontrava para frequentar a Casa do Povo, o Bar do Miro, jogar sinuca, frequentar bailinhos, tomar cachaça de madrugada.

Ele tinha as garotas dele e eu, uma só. Ele era bem apessoado, para não dizer bonito, pois não pega bem homem macho usar esses termos.

Era o Simão Oxman, apelidado de Simão Lepra por ser homônimo de Simão, o Leproso, personagem da Bíblia. Primogênito de Isac e Ethel, viveu em Ourinhos até os 17 anos.

A bem da verdade, nosso herói nunca foi de levar coisas sérias a sério. Em Ourinhos era um mau aluno. Tomou aulas particulares com o Ravicz, para sobreviver na Escola.

Em São Paulo, seguiu na mesma batida. Nunca escondeu que seu objetivo na vida era se casar com uma judia rica. Mas, para tanto, precisava apresentar no currículo um curso superior, que era a principal exigência na bolsa matrimonial judaica. Conseguiu a duras penas se formar em economia.





Ficou, portanto, elegível para conseguir uma noiva, o que ocorreu sem muito esforço. A festa do seu casamento foi um evento com orquestra de violinos, cardápio sofisticado e finas pompas.

Tiveram dois filhos, um deles, hoje, festejado cineasta residente na Espanha. Seu casamento durou apenas os dois filhos. Separado, voltou ao Bom Retiro vivendo de expedientes, um deles estampar camisetas com estampas piratas. Me contou, com certo orgulho, que teve que fugir de uma batida policial pela janela.

Ao longo das suas peripécias montou uma fábrica de equipamentos de acupuntura por choque elétrico, para animais. Com a morte do sócio ficou proprietário da empresa. Foi quando levou a vida a sério.

Tive a oportunidade de assistir a uma palestra num evento que organizou, para pecuaristas, em que o palestrante era um francês, vindo especialmente para o evento. O Simão me encarregou de efetuar o pagamento de US\$10 mil ao francês. Após o evento, fomos todos a um restaurante onde tive que fazer sala e sustentar o papo com o conferencista.

Há uns 15 anos, o seu filho cineasta veio filmar um documentário sobre o pai, Simão.

E acabou filmando seus últimos dias.





Maurão da Bessarábia

Carlos Ostronoff (Mocho)

Este apodo vem do fato de a sua (nossa) mãe ter nascido na Bessarábia, hoje Moldávia. Mauro nasceu em Ourinhos dois anos antes que este seu irmão. Foi um garoto precoce. Aos dois anos foi à estação da Estrada de Ferro Sorocabana, pegar um trem para São Paulo. Desde cedo mostrava seu pendor intelectual, encantando os caixeiros viajantes, com conhecimentos sobre o andamento da Segunda Guerra. Na juventude teve que carregar a cruz de ter um irmão mais novo muito chato. Chegamos a ficar meses sem nos falarmos. Coursou do primário até o 2º científico em Ourinhos, e, como era comum em nossa família, partiu para a capital, onde o “campo era mais vasto”.

Em SP, mostrou ser um cara folgado e meio distraído. Num dos exames vestibulares dos quais participou, perdeu o horário do início da prova.

Sem muito esforço, após se preparar no cursinho do Anglo Latino, foi aprovado para a Engenharia de Produção da FEI, com opção para Química, que cursou brilhantemente.

Era muito boa praça. Dotado de inteligência crítica, humor contagiante e cultura acima da média, era o tipo do cara em torno do qual se formavam as rodinhas nos convívios e eventos sociais.

Durante o curso universitário morou em nosso apartamento no Bom Retiro, o “gueto” judaico.





Frequentou a Casa do Povo, que reunia a inteligência comunista do bairro e alhures. Foi membro do PC paulistano, chegando à secretaria.

Até hoje não entendi como não foi perseguido pela revolução de 64. Nosso quarto era armazém de documentos, formulários e propagandas com o timbre da foice e martelo. Por afinidade ideológica e cultural, encontrou sua cara metade na Casa do Povo graças a uma intervenção do seu irmão mais novo.

Logo que se formou, casou-se, passou no concurso da Petrobras e foi deslocado para o curso de petroquímica no Rio. Em seguida foi transferido para o setor de engenharia em Cubatão.

Teve 2 filhas e um filho, todos brilhantes em suas formações. Foi professor de química na FEI e na Mauá. Seu caráter irrequieto culturalmente o levou a cursar psicologia, após os 60 anos. Esse mesmo comportamento o introduziu nas religiões hinduístas e era comum encontrá-lo usando um colar com a fotografia do seu guru Raginish, bata e rabo de cavalo.

Durante um tempo teve uma amante japonesa, relacionamento que não escondia socialmente.

Faleceu em condições lamentáveis de saúde mental e física. Faz falta em nosso meio.





O Cabecinha, também chamado Joel Guardiano, não era da mesma classe de escola que os oitentões deste grupo. Mas tinha intensa convivência. Era da panelinha. Poderia ter sido um grande goleiro, mas foi professor universitário em Curitiba. Teve uma vida cheia de passagens que devem ser contadas. E por que Cabecinha? Nos anos 50, uma grande estrela do Corinthians era o goleiro Cabeção. Talvez seja por isso. Aqui, seus amigos prestam homenagem e uma amiga se despede.

Ô, Cabecinha, já vai? É cedo, rapaz!

Carlos Ostronoff (Mocho)

Morava em uma casa simples, prá baixo da linha, perto da cadeia, na rua do cemitério. Havia um certo preconceito contra os que moravam abaixo da linha: eram “pobres”. Essa etiqueta de pobre pregada em sua mente perdurou até sua morte.

Conheci o Joel aos 10 anos, ele 3 anos mais velho. Para a admissão ao ginásio Horácio Soares, entrei no curso de admissão do colégio Santo Antônio. Ele também. Me admirava a facilidade que tinha na resolução dos problemas de matemática.

Passamos a nos frequentar. Ficamos muito amigos, praticando juntos as atividades próprias da idade: pesca e natação no Panema, roubo de cana, passeios de bicicleta, escalada da Pedra Criminosa.





Desde moleque pegou gosto por esportes: era goleiro excepcional e um medíocre jogador de beisebol. Não me lembro que ele tivesse outro amigo. Após entrarmos no ginásio, novas amizades vieram: Joaquim Bessa, Roberto Pellegrino, José Carlos Marão, Walter Abujamra. Ele se integrou ao grupo, sempre com a etiqueta de “pobre” moldando seu comportamento. Talvez, com a intenção de chamar atenção.

Uma vez, no final de uma animada festa no Cine Clube, subiu na marquise e se pôs a fazer um discurso sem nexos. Só parou quando um “adulto” gritou: - “Desce daí fióte de meteoro”.

Um dia, a vida universitária nos separou.

Por três vezes voltamos a nos encontrar.

A primeira, eu com 26 anos, tendo cumprido com êxito uma missão na Bahia, fui descansar uns dias viajando de carro para o Sul. Ele, professor de química na Universidade, casado, a esposa grávida a poucos dias do parto. Com um espírito irrequieto, sempre procurava algum caminho nas artes: poesia, pintura, escultura.

Tendo que retornar ao meu emprego, em São Paulo, ele resolveu me acompanhar, mesmo estando próximo o parto do seu primeiro filho. Eu num Fusca, ele num Gordini. O filho nasceu em sua ausência.

A segunda vez, já casado, fui com a primeira esposa visitá-lo.





A terceira vez foi desastrosa. Eu, recém-operado da bexiga, fui com a Vera, minha segunda esposa, fazer um giro no Sul, com escala em Curitiba. Ele havia conseguido com sua ex-esposa um quarto para nos alojar. Não sabíamos.

Chegando, nos hospedamos em um hotel. Ele veio ao nosso encontro, fazendo questão de que ficássemos na casa da ex. A Vera explicou que não seria uma boa ideia, pois, em decorrência da cirurgia, eu tinha incontinência urinária e poderia mijar na cama, o que não pegaria bem. Este fato destruiu uma amizade de mais de 50 anos. Ficou meu inimigo, nos esnobando o tempo que passamos em Curitiba. Sua ex-esposa fez as vezes de cicerone. Ele nos ignorou. A ofensa foi tão grande que até inimigo se tornou.

Um dia, talvez arrependido do rompimento da nossa amizade, me enviou uma escultura em madeira, com grande densidade artística.

Faleceu em Curitiba vítima de lesão maligna.

Joaquim Luiz Bessa Neto

Quando o Cabecinha estava hospitalizado em Curitiba, pedi para o Marinho Branco o telefone do hospital. Liguei, a filha dele atendeu, falei quem eu era e ela passou para ele:





- Ô, Joaquim, tenho uma coisa muito importante para dizer prá você, mas me esqueci.

Era o Joel.

Aí, me falou sobre a cirurgia que tinha sido a partir das narinas até o céu da boca. Começou com sangramento pelo nariz. Não alonguei a conversa, a voz dele já cansada.

Uma vez, nos longínquos anos cinquenta, convidei Joel para meu aniversário. Lá chegando me pediu para subir para o andar de cima. Subimos. Lá ele fez um discurso para mim.

Era assim o Guardiano.

José Carlos Marão

O Cabecinha apareceu no primeiro treino, arrasou no gol, tirou o lugar do Crodo, que era dos Azevedo, lá da “Voz do Povo”.

Coisa de 50 ou 51, seu Bório, dono da rádio ZYS7, resolveu fazer um timinho de futebol: o Atlético Infantil S7. Por quê? Nunca soube. Para mim foi muito útil, pois me livrou de vexames futuros: aprendi que jamais deveria voltar a um campo de futebol. Mas valeu para conhecer o Cabecinha e o Mário Mizato, que driblava feito um doido, chegava sozinho no gol e foi nosso colega na famigerada (ou incrível ?) 4ª série A.





E encontrava o Cabecinha todo domingo, na missa das 9, que já era na igreja nova, cheia de andaimes e com chão de terra. Devotos que éramos, ficávamos sentados nas toras da serraria dos Mori, que era na frente da Igreja, até a missa acabar.

Levamos grandes papos. Preocupação dele:

- Não quero ser um moleque de rua.

Já no ginásio, me mostrava os poemas dele. E eu, com minhas veleidades da época, mostrava os meus. O mundo perdeu dois grandes poetas medíocres.

Passados mais de 50 anos, ele me descobriu em Águas de São Pedro, ligou de Curitiba. Já existia internet e Google. O homem sabia tudo da minha vida.

Já tínhamos nosso grupo que se correspondia. Passei os dados do Cabecinha, que foi na hora incluído, tomou conta do pedaço e deu nome ao grupo: Beco.

Retomamos nossas conversas sobre o sentido da vida como se tivessem sido interrompidas ontem. Um dia me ligou, eu estava com 68 anos:

- Ô Marão. Tô sabendo que você vai fazer 69 pela primeira vez.

Era o Joel.





Ô, Cabecinha...

Ana Lúcia Chiaradia

Joel, como você está?

Foi assim que, minutos atrás, olhando o céu, te procurei numa estrela, ávida por notícias e com ânsia de matar saudade. Que nada! O único consolo é que daí, com certeza, você me encontra neste mundo. Nem precisaria dizer como vou, mas vá lá: estou bem e tenho me permitido sonhar, planejar, estudar hipóteses pensando nelas viáveis, este jeito que você conheceu.

Estou bem, mas meio sem palavras: esta é a minha despedida e é muito forte a angústia desta separação. Mas é preciso que assim seja.

Vou terminar citando Einstein: ‘A percepção do desconhecido é a mais fascinante das experiências’.

Isso, aprendi com você e você também aprendeu comigo. Quero que você esteja feliz por aí. O lugar deve ser lindo!

Só por isso abro mão de você...

***Até daqui a pouco,
Cabecinha.***

